Camões e anti-Camões em «a máquina do mundo» de Carlos Drummond de Andrade

Autor(es): Castro, Sílvio

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/30797>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0569-2_23

Accessed : 26-Apr-2023 07:34:55

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

CAMÕES E ANTI-CAMÕES EM «A MÁQUINA DO MUNDO» DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

A questão em foco

1. Síntese

Imediatamente após o episódio da «Ilha dos Amores», a tópica de origem clássica da «Máquina do mundo»¹ encontra no Canto X de *Os Lusíadas* tradução de particular importância para a compreensão de muitos dos problemas suscitados pela estrutura do poema e pela particular personalidade cultural do poeta. Os muitos endereços dados por Camões à revelação maravilhosa feita por Tétis a Vasco da Gama e aos seus companheiros de aventuras interessam a diversos planos da epopéia, desde aquele mitológico que a sustenta, ao da cultura renascentista do autor, até aquele outro que conflui na complexa identidade espiritual camonianiana². A máquina do mundo de Camões é um engenho tipicamente renascentista, objetivo, concreto, real, complexo e racional, revelado diretamente à visão dos heróis lusíadas, prontos ao confronto – assim como sempre se demonstravam prontos a “ver” o mundo e as coisas –, mas igualmente capazes de comoção diante da revelação maravilhosa.

A máquina do mundo de Carlos Drummond de Andrade é igualmente um engenho, complexo e maravilhoso, racional e surpreendente, mas um engenho que se revela por si mesmo, sem intermediações.

¹ A tópica é já presente em Lucrécio, *De rerum natura* (Livro quinto, vv. 94-96):

“Tris species tam dissimilis, tris talia texta,
una dies dabit exitio, multosque per annos
sustentata ruet moles et machina mundi”.

² Estes são alguns dos temas que interessam à vasta bibliografia crítica sobre a obra de Camões. Para efeito do presente estudo, cf. a “bibliografia crítica mínima” que a acompanha, e como acréscimo ver Sílvia Castro, “Metáfora do naufrágio e viagem”, in AA. VV., *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978, pp. 713-720; e “Naufragio coe metáfora e palinodia” in *Camões, Atti del Convegno di Studi “Naufragi”*, Universidade de Cagliari - Bulzoni, Cagliari - Roma, 1993, pp. 201-212 (com separata).

O poeta surpreendido pela máquina é um ser solitário, ainda que pronto a toda participação e solidariedade. A máquina do mundo quer confrontar-se com a solidão do poeta e levá-lo ao maior conhecimento da verdade. O humanismo solitário do poeta moderno se confronta com a possível revelação e – num máximo de solidão - se nega ao diálogo com a máquina do mundo.

2. Textos

“A Máquina do Mundo”³

“E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, e no fecho da tarde um rouco	1
se misturasse ao som de meus sapatos que era pausado e seco; e aves pairassem no céu de chumbo, e suas formas pretas	4
pausadamente se fossem diluindo na escuridão maior, vinda dos montes e de meu próprio ser desenganado,	7
a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava e só de o ter pensado se carpia	10
Abriu-se magestosa e circumspecta, sem emitir um som que fosse impuro nem um clarão maior que o tolerável	13
pelas pupilas gastas na inspeção contínua e dolorosa no deserto, e pela mente exausta de mentar	16
toda uma realidade se transcende a própria imagem sua debuxada no rosto do mistério, nos abismos.	19
Abriu-se calma pura, e convidando quantos sentidos e intuições restavam a quem de os ter usado os já perdera	22

³ Carlos Drummond de Andrade, “A máquina do mundo”, *Claro enigma*, in *Nova Reunião* (19 livros de poesia), José Olympio-INL, Rio de Janeiro-Brasília, 1983. As citações que fazemos do poema de Drummond no corpo deste trabalho são tomadas desta edição.

e nem desejaria recobrá-los, se em vão e para sempre repetimos os mesmos sem roteiros tristes périplos,	25
convidando-os a todos, em coorte, a se aplicarem sobre o pasto inédito da natureza mítica das coisas,	28
assim me disse, embora voz alguma ou sopro ou eco ou simples percussão atestasse que alguém, sobre a montanha,	31
a outro alguém, noturno e miserável, em colóquio se estava dirigindo: «O que procuraste em ti ou fora de	34
teu ser restrito e nunca se mostrou mesmo afetando dar-se ou se rendendo, e a cada instante mais se retraindo,	37
olha, repara, ausculta: essa riqueza sobrante a toda pérola, ciência sublime e formidável, mas hermética,	40
essa total explicação da vida, esse nexo primeiro e singular, que nem concebes mais, pois tão esquivo	43
se revelou ante a pesquisa ardente em que te consumiste... vê, contempla, abre teu peito para agasalhá-lo.»	46
As mais soberbas pontes e edifícios, o que nas oficinas se elabora, o que pensando foi e logo atinge	49
distância superior ao pensamento, os recursos da terra dominados, e as paixões e os impulsos e os tormentos	52
e tudo o que define o ser terrestre ou se prolonga até aos animais e chega às plantas para se embeber	55
no sono rancoroso dos minérios, dá a volta ao mundo e torna a se engolfar na estranha ordem geométrica de tudo,	58

e o absurdo original e seus enigmas, suas verdades altas mais que todos monumentos erguidos à verdade:	61
e a memória dos deuses e o solene sentimento da morte, que floresce no caule da existência mais gloriosa,	64
tudo se apresentou neste relance e me chamou para seu reino augusto, afinal submetido à vida humana.	67
Mas, como eu refutasse em responder a tal apelo assim maravilhoso, pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,	70
a esperança mais mínima - esse anelo de ver desvanecida a treva espessa que entre os raios do sol inda se filtra;	73
como defuntas crenças convocadas presto e fremente não se produzissem a de novo tingir a neutra face	76
que vou pelos caminhos demonstrando, e como se outro ser, não mais aquele habitante de mim há tantos anos,	79
passasse a comandar a minha vontade que, já de si volúvel, se cerrava semelhante a essas flores reticentes	82
em si mesmas abertas e fechadas: como se um dom tardio já não fora apetecível, antes despiciendo,	85
baixei os olhos, incurioso, lasso, desdenhando colher a coisa oferta que se abria gratuita a meu engenho.	88
A treva mais estrita já pousara sobre a estrada de Minas, pedregosa, e a máquina do mundo, repelida,	91
se foi miudamente recompondo, enquanto eu, avaliando o que perdera, seguia vagaroso, de mãos pensas.	94

75

“Depois que a corporal necessidade
Se satisfaz do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Thetis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

76

- Faz-te mercê barão, a Sapiência
Suprema de, c’os olhos corporais,
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu c’os mais. -
Assi lhe diz e o guia por um mato
Arduo, difícil, duro a humano trato.

77

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

78

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, em fim, por divina arte;

⁴ Luís de Camões, *Os Lusíadas* (edição de António José Saraiva), Figueirinhas-Padrão, Porto-Rio de Janeiro, 1978. As nossas citações no presente estudo se referem sempre a esta edição.

79

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, em fim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: - O trasunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

80

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

81

Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

82

Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

83

E também porque a Santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que tem prudência
Governa o Mundo todo que sustenta.
Insina-lo a profética ciência,

Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando, favorecem,
Os maus, em quanto podem, nos empecem;

84

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinuando,
Dar-lhe nomes que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os anjos de celeste companhia
Deuses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.

85

Em fim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda,
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda:
Debaxo deste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.

86

Com este rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
Tão lento e sojugado a duro freio,
Que enquanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

87

Olha est'outro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele tem curso ordenado
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
C'o largo cinto de ouro, que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

88

Olha por outras partes, a pintura
Que as Estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrómeda e seu pai, e o Dragão horrendo.
Vê de Cassiopea a fermosura
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

89

Debaxo deste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo, bélico inimigo;
O claro olho do céu, no quarto assento,
E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloquência Soberana,
Com três rostos, debaxo vai Diana.

90

Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve.
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem c'o mar a terra por seu centro.”

3. Análise

O poema de Drummond, formalmente, é uma homenagem a Dante. O uso de tercetos – forma estrófica referida às *terzine* da *Divina Comédia* - não indica imediatamente a intencional integração do poeta brasileiro com a grande tradição ocidental da “poética da revelação”.

Sendo uma homenagem, não é por isso mesmo adesão irrestrita⁵. Assim, desde o início do poema, Drummond se coloca numa posição oposta à grandíssima religiosidade

⁵ Sobre as relações possíveis entre o poema de Carlos Drummond de Andrade e a poesia de Dante, cf. Sílvio Castro, “O Canto XXXIII do *Paraíso*, a poética da revelação” e a “Máquina do Mundo” de Carlos Drummond de Andrade, in AA.VV., *Actas do III Congresso da Associação Internacional de Camonistas*, Coimbra, 1992, pp. 617-639.

que preside, em modo particular, o canto XXXIII do *Paratso*. Dante, através da intensa *preghiera* de São Bernardo – abertura da composição sublime – alcança a intermediação da Virgem Maria para o desejado encontro com a visão divina:

“Vergine madre, figlia del tuo Figlio,
umile e alta più che creatura,
termine fisso d’eterno consiglio,

tu se’colei che l’umana natura
nobilitasti sì, che ‘l suo Fattore
non disdegnò di farsi sua fattura.”⁶

Através da intermediação, Dante atinge a revelação da verdade absoluta encontrada na visão. Drummond, ao contrário, assume uma atitude solitária diante da “máquina”, afirmando uma laicidade ativa, solidária e isolada, a um só tempo.

“E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

pausadamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,” (vv.1-9)⁷

A forma de pode ser considerada também direta negação das oitavas camonianas. A “citação” formal próxima às *terzine* de Dante – valor poético distante e particularmente significante – funciona, segundo a intenção drummondiana, como elemento positivo

⁶ Dante, *Paradiso* (ed. de N. Sapegno), La Nuova Itália, Florença, 1965. Em relação à figura de São Bernardo e à intermediação da Virgem Maria, cf. a nota 4 ao texto do estudo de Sílvio Castro acima citado.

⁷ A angústia existencial contida no “desengano” drummondiano se alarga no poema “O Relógio do Rosário”, igualmente de *Claro Enigma*. Este poema vem colocado por muitos críticos brasileiros na mesma linha de “A Máquina do Mundo”. Neste sentido veja-se a nota 9 do meu citado ensaio sobre as relações Drummond-Dante. Embora reconhecendo que “O Relógio do Rosário” esteja altamente ligado à tópica da revelação, julgamos que ainda assim não participe ou complete o discurso próprio de “A Máquina do Mundo”. Todavia, vemos nele a exaltação da natureza laica que caracteriza o canto de rebelião do poeta moderno diante do transcendental. Disto é excepcional exemplo a abertura do poema:

“Era tão claro o dia, mas a treva,
do som baixando, em seu baixar me leva
pelo âmago de tudo, e no mais fundo
decifro o choro pânico do mundo,
que se entrelaça no meu próprio choro,
e compomos os dois um vasto coro.”

no poema; ao contrário – pode-se concluir – uma ainda que mínima ressonância camonianiana o diminuiria. Isto em consequência da jamais atenuada presença da “poeticidade” d’*Os Lusíadas* no ato de criação por parte de todo o poeta de língua portuguesa. Esta “diminuição” age de imediato através do sistema formal próprio do canto camoniano⁸.

A partir desta primeira e não pequena atitude drummondiana em relação a Camões se estabelece o sistema de adesão e repulsão entre “A Máquina do Mundo” e o episódio referente à mesma tópica nos *Lusíadas*, Canto X, com as referências aqui assumidas, entre as estrofes 75 e 90 do mesmo.

A máquina do mundo camonianiana é um engenho da cultura renascentista, por isso mesmo concreto e real, complexo e maravilhoso. Sendo o resultado de uma cultura revolucionária, se apresenta completo na sua estrutura tecnológica; mas é ao mesmo tempo síntese de espiritualidade ligada a uma vivida tradição religiosa:

“.....

Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas exerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro todo só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, em fim, por divina arte;

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, em fim, o Arquetipo que o criou.”
(X.77,78.79)

⁸ A questão da presença dos grandes poetas - como nos casos de Camões e de Carlos Drummond de Andrade - quanto aos atos próprios da criação dos poetas portugueses, brasileiros e daqueles africanos de língua portuguesa, é correspondente à capacidade destes mesmos poetas de criar novos poemas integrados na melhor tradição poética. Assim, quanto mais conscientes dos grandes criadores - e neste sentido Camões se constitui em fenómeno de absoluta excepcionalidade - mais os poetas modernos “negam” os modelos exemplares. Um poema de circunstância de Drummond, em claro tom de “blague” e intitulado “Em a/ agradecimento”, feito em resposta ao ensaio de Silviano Santiago, “Camões e Drummond: a máquina do mundo” (cf. *Bibliografia crítica mínima*, abaixo), assume uma tal posição de absoluta liberdade de criação. O poema drummondiano anti-camoniano - que pode ser visto in *Obra completa*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1967 - se abre com os versos

“Cammond & Drumões: Sant’Jago!
que nunca v/ira os 2 juntos”

Para a presença da tradição camonianiana na poesia brasileira, cf. Gilberto Mendonça Teles, *Camões e a poesia brasileira*, Rio de Janeiro-Brasília, 1972.

Logo adiante, na famosa estrofe 80 do Canto, Camões se confronta definitivamente com a “calma pura”, definindo o maravilhoso da criação e a limitação da inteligência do homem em relação à natureza de Deus, presente na sabedoria da Máquina. Tétis a mostra aos olhos de Vasco da Gama e de seus companheiros:

“Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.”

A máquina do mundo de Camões é «*etérea e elemental*». A de Carlos Drummond de Andrade é «*magestosa e circumspecta*», «*calma pura*» (vv. 13 e 22). Esta tem daquela principalmente o sentido da visão poética; sendo, todavia, mais próxima do maravilhoso humano, enquanto a camoniana tende ao encontro entre o desconcerto humano e o concerto divino.

O confronto dos heróis lusíadas com a máquina do mundo é imediato e consciente, feito daquele “ver” característico do realismo do poema camoniano; realismo que, no dizer de Hernani Cidade, «... faz dele a mais alta expressão daquele excepcional momento em que o homem, emergindo da escolástica e do vago sonho heróico dos romances de cavalaria, olha deslumbradamente o mundo que seu destemido anseio dramático vai avassalando - e sente o valor lírico e épico duma realidade, que é simultaneamente geográfica e humana, de entendimento e convívio»⁹. O grande encontro se desenrola sob a guia da poderosa Tétis, a mais famosa das nereidas, intermediação poética de rara eficácia entre o real e o maravilhoso¹⁰.

Passada a deleitosa etapa da Ilha dos Amores, Tétis é gentil com o Gama e quer que ele – e mais seus companheiros – veja, por graça da Sapiência Suprema, o que não pode “ver” a vã ciência. Tétis então os guia com amabilidade e premura para a meta culminante, passando, entretanto, pela dificuldade do primeiro caminho

“Arduo, difícil, duro a humano trato.” (76,v.8)

Porém,

“Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava

⁹ H. Cidade, *Lições de cultura e literatura portuguesas*, 7ª ed., 1º vol., Coimbra Editora, Coimbra, 1984, p. 262.

¹⁰ Tétis é uma das divindades primordiais da teogonia helénica. Filha de Urano e Gaia, representa a fecundidade feminina do mar. Esposada com Oceano, um de seus irmãos, dele teve um grande número de filhos, mais de três mil, quantos são os rios do mundo. A residência de Tétis vem geralmente colocada no Ocidente extremo, além da terra das Hespérides, onde, cada noite, o Sol se põe.

De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.” (77, vv. 1-4)

O poeta solitário da “Máquina do Mundo” de Carlos Drummond de Andrade não é assistido por uma divindade gentil como Tétis. Ele caminha sozinho, solitário e único, palmilhando em modo vago

“uma estrada de Minas, pedregosa,” (v. 2)

O caminhar solitário no entardecer de uma terra também ela maravilhosa e dadivosa de pedras preciosas – as minas gerais – é de silêncio e de ecos que naquele fim da tarde fazem com que tudo - os montes, as colinas, a luz que se disperde, a penumbra que se aproxima – projete o mistério constante da existência humana, no qual tudo se vai diluindo: o bater de um sino rouco, o som pausado e seco de sapatos que caminham, o esvoaçar de aves no céu de chumbo e, mais que tudo, a escuridão maior vinda dos montes e do ser desengano do caminhante.

Assim, por acaso, no cume da colina de Minas, o poeta se confronta com a máquina do mundo. Verifica-se, então, um encontro silencioso, ainda que, da máquina que se revela – como um mistério –, uma voz se dirija ao poeta surpreso na própria solidão.

O maravilhoso toca o poeta procurado pela máquina e que não a pensava; o mesmo poeta que apenas surpreendido já se esquivava do contacto:

“a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se magestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa no deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade se transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiros tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,” (vv. 10-30)

A máquina do mundo procura cativar o poeta solitário que, embora preso da sua solidão, não é indiferente à maravilha do engenho e de suas revelações. Essas tocam o ser profundo – agora um alguém, noturno e miserável – que vive orgulhosamente em desassossego, ressoando em forma de pura espiritualidade:

“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta essa riqueza
sobrante a toda pérola, ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexos primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.» (vv. 36-49)

A máquina do mundo drummondiana, no seu discurso direto e só por ela desejado, muitas vezes se aproxima da máquina camoniana, principalmente no desejo de levar o homem à salvação através da revelação. Porém, ao contrário do engenho renascentista, aquele moderno, de certa maneira, exalta a heroicidade da solidão do homem, mas o convida a ver como é pouca a sua ciência diante de tudo que pode ser revelado. Convida o solitário que não sabe mais encontrar explicação para a existência, consumido que foi na pesquisa impossível. Humanizada, a máquina incita o homem a abrir o peito para receber a visão total das coisas. Mas, enquanto a máquina camoniana se mostra sem obstáculo à visão que beatifica, levando o concerto da verdade ao desconcerto humano, aquela da estrada de Minas fala para o homem só, capaz de ver todas as possíveis maravilhas da revelação: as magnificências do mundo, o pensado que supera o próprio pensamento, o domínio das coisas, das paixões, dos tormentos, tudo que define o ser humano e que chega às plantas para se embeber

“no sono rancoroso dos minérios,” (v. 58)

Tudo é instantaneamente visto, sempre do ponto de vista da angústia, tudo

“e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento da morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,” (vv.61-66)

A máquina do mundo drummondiana vive dramaticamente estas revelações, assim como dramaticamente as recebe o solitário. O desassossego condiciona, momentaneamente, o concerto; e mais que revelar, a máquina da antiga beatitude agora espera por uma revelação.

O canto drummondiano, nascido da mais coerente modernidade laica, não mais orgulhosa como sempre em confronto com o concerto visto e conhecido, se distancia quase definitivamente do modelo da máquina do mundo renascentista. Diante da maravilha, reluta. Sente-se incapaz de certezas, abrandada a fé e a mais mínima forma de esperança.

Então, reconhecendo em si mesmo um outro ser diferente de um possível primordial, e sendo comandado por ele, o ser solitário abaixa os olhos da máquina do mundo, lasso, sem qualquer curiosidade

“desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.”

O ser solitário realiza a escolha contra a máquina e contra qualquer revelação. Mais do que nunca, ele caminha sem a sua Tétis, vendo a máquina repelida que se vai e avaliando o que perdera. O homem caminha de mãos pensas e orgulhoso de sua solidão.

Como já afirmamos algures, «em “A máquina do mundo”, *Carlos Drummond de Andrade* coloca toda a intensidade do seu espírito crítico e da sua modernidade, fazendo com que a tópica da revelação atinja uma nova conotação na longa tradição lírica ocidental e dando à poesia de língua portuguesa um dos momentos de mais intensa criação poética»¹¹.

¹¹ Sílvio Castro, “O Canto XXXIII do *Paraiso*, a poética da revelação e a “Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade” ed. cit., p. 639.